



STEPHEN KING

À ESPERA DE  
UM MILAGRE





**STEPHEN KING**

**À ESPERA DE  
UM MILAGRE**

*Tradução*  
M. H. C. Côrtes







Copyright © Stephen King, 1996

Direitos em língua portuguesa para o Brasil adquiridos do autor através de Ralph M. Vicinanza, Ltd.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

*The Green Mile*

Capa

Rodrigo Rodrigues

Imagem de capa

Walt Seng/NonStock/Getty Images

Copidesque

Regiane Winarski

Revisão

Cristiane Marinho

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64e

King, Stephen

À espera de um milagre : um romance em seis partes [recurso eletrônico] / Stephen King ;  
tradução de M.H.C. Côrtes. - Rio de Janeiro : Suma, 2010.

recurso digital

Tradução de: The green mile

Formato: epub

Requisito do sistema:

Modo de acesso:

308p. ISBN: 978-85-8105-156-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Côrtes, M.H.C. II. Título.

10-4066 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

# Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Introdução](#)

[Prefácio](#)

[Uma Carta](#)

[Parte Um](#)

[As Duas Meninas Mortas](#)

[Parte Dois](#)

[O Rato no Corredor](#)

[Parte Três](#)

[As Mãos de Coffey](#)

[Parte Quatro](#)

[A Morte Horrenda de Eduard Delacroix](#)

[Parte Cinco](#)

[Excursão Noturna](#)

[Parte Seis](#)

[Coffey no Corredor](#)

[Posfácio do Autor](#)

[Sobre o Autor](#)

## Introdução

Passo por períodos de insônia, fato que não surpreenderá as pessoas que leram o romance que descreve as peripécias de Ralph Roberts. Por isso, procuro ter uma história bem à mão para aquelas noites em que o sono não vem. Conto uma história dessas para mim mesmo enquanto fico deitado no escuro, redigindo-as mentalmente, exatamente como faria numa máquina de escrever ou num processador de texto, frequentemente voltando atrás e mudando palavras, acrescentando ideias, eliminando trechos, montando o diálogo. A cada noite, recomeço do princípio, avançando um pouco mais antes de pegar no sono. Geralmente, lá pela quinta ou sexta noite, sei de cor vários pedaços longos de prosa. É provável que isso pareça meio maluco, mas é tranquilizante. E como passatempo, ganha disparado de ficar contando carneirinhos.

Essas histórias acabam perdendo a graça, do mesmo modo que um livro depois de ser lido várias vezes. (“Jogue esse fora e compre outro novo, Stephen”, dizia minha mãe às vezes, olhando com irritação uma revista em quadrinhos ou um livro de que eu gostava muito. “Isso aí já está gasto de tanto você ler.”) Então é hora de procurar uma história nova e, durante meus acessos de falta de sono, fico na esperança de que logo me virá outra, porque as horas em claro são horas longas.

Em 1992 ou 1993, estava trabalhando numa história dessas chamada “O que engana seus olhos”. Era sobre um homem condenado à morte, um negro enorme, que passa a se interessar por truques com as mãos à medida que se aproxima a data de sua execução. A história devia ser contada na primeira pessoa, por um velho preso de confiança, que empurra um carrinho com livros pelos blocos de celas e também vende cigarros, novidades e

pequenas criações como tônico para os cabelos e aviões feitos de papel encerado. No final da história, logo antes da execução, eu queria que esse preso enorme, Luke Coffey, se fizesse desaparecer.

A ideia era boa, mas a história, para mim, não estava dando certo. Parecia que tinha tentado mudá-la de cem maneiras diferentes, mas continuava, a meu ver, não dando certo. Dei ao narrador um camundongo de estimação, que ia em cima do carrinho, achando que isso podia ajudar a história, mas não adiantou. A melhor parte era o começo: “Aconteceu em 1932, quando a penitenciária estadual ainda ficava em Evans Notch... e, é claro, também estava lá a cadeira elétrica, que os detentos chamavam de ‘Velha Fagulha’.” Para mim isso dava certo, mas nada mais encaixava bem. Acabei por descartar Luke Coffey e as moedas que sumiam, em favor de uma história a respeito de um planeta em que as pessoas, por alguma razão, viravam canibais quando chovia... E ainda gosto dessa história, de modo que não falem dela, ouviram?

Então, cerca de um ano e meio mais tarde, a ideia do corredor da morte me voltou à cabeça, só que, dessa vez, com uma orientação diferente. Suponhamos, imaginei eu, que o sujeito grandalhão fosse alguma espécie de curandeiro, em vez de um candidato a mágico, um simplório condenado por assassinatos que não só não cometera, como tentara fazer reverter.

Cheguei à conclusão de que essa história era boa demais para ficar brincando com ela na hora de dormir, embora eu a tivesse começado no escuro, e ressuscitei o parágrafo inicial quase palavra por palavra e montei o primeiro capítulo na cabeça antes de começar a escrever. O narrador passou a ser o guarda das celas dos condenados à morte, em vez de um preso de confiança. Luke Coffey se tornou John Coffey (com uma tirada de chapéu para William Faulkner, cuja figura parecida com Cristo é Joe Christmas), e o camundongo se tornou... Bem, o sr. Guizos.

Vi logo que era uma boa história, mas ia ser muito difícil escrevê-la. Havia outras coisas acontecendo na minha vida que pareciam mais fáceis (o texto para a minissérie de televisão *The Shining* era uma delas) e estava me agarrando a *À Espera de um Milagre* pela ponta dos dedos. Sentia-me como se estivesse criando um mundo quase da estaca zero, pois não sabia

praticamente nada sobre a vida no bloco de celas dos condenados à morte, numa área da fronteira no Sul, na época da Depressão. É claro que a pesquisa podia resolver isso, mas achei que ela poderia destruir a sensação frágil de assombro que havia encontrado na história. Alguma parte de mim sabia desde o princípio que o que eu queria não era realidade, mas um mito. De modo que fui me esforçando para diante, amontoando palavras na esperança de uma centelha, uma revelação, alguma espécie de milagre de fundo de quintal.

O milagre se deu sob a forma de um fax de Ralph Vicinanza, meu agente para direitos autorais no exterior, que estivera conversando com um editor britânico sobre a forma de romance serializado que Charles Dickens utilizara um século antes. Ralph perguntou, daquele jeito sem entusiasmo de quem acha que a sugestão não vai dar em nada, se eu estaria interessado em tentar fazer algo assim. Meu caro, agarrei a ideia imediatamente. Percebi que, se concordasse com um projeto assim, teria que terminar *À Espera de um Milagre*. De modo que, sentindo-me como um legionário romano pondo fogo na ponte sobre o Rubicão, telefonei para Ralph e pedi-lhe que fechasse o negócio. Assim ele fez, e o resto vocês sabem. John Coffey, Paul Edgecombe, Brutal Howell, Percy Wetmore, todos eles assumiram seus lugares e fizeram a história acontecer. Foi sem dúvida alguma um grande barato.

*À Espera de um Milagre* teve uma espécie de aceitação mágica que eu jamais esperara. Na realidade, pensei que ele podia muito bem ser um desastre do ponto de vista comercial. A reação dos leitores foi maravilhosa, e dessa vez, até mesmo a maioria dos críticos foi junto. Acho que devo uma boa parte da aceitação popular do livro às sugestões de grande percepção de minha mulher, bem como boa parte do êxito comercial ao intenso trabalho empreendido em favor do livro pelo pessoal da Dutton Signet.

Contudo, a experiência em si foi só minha. Escrevi como um alucinado, tentando cumprir o cronograma maluco de impressão e, ao mesmo tempo, tentando criar um livro de tal maneira que cada parte tivesse seu próprio miniclímax, esperando que tudo se encaixasse e sabendo que seria enforcado se assim não acontecesse. Em uma ou duas vezes, me perguntei se Charles Dickens se sentira da mesma forma, como que esperando que as questões

levantadas na trama se resolvessem sozinhas, e acho que sim. Felizmente para o velho Charles, Deus lhe proporcionou um pouco mais no que se refere a talento.

Lembro-me de ter pensado um par de vezes que devia estar deixando atrás de mim uma esteira dos mais incríveis anacronismos, mas acabou havendo uma quantidade extraordinariamente pequena deles. Até mesmo a revistinha de quadrinhos “quentes” de Popeye e Olívia Palito acabou acertando na mosca: logo depois da publicação da Parte 6, alguém me mandou uma cópia de uma revista em quadrinhos assim, publicada por volta de 1927. Num quadro memorável, Dudu está mandando brasa na Olívia e comendo um hambúrguer ao mesmo tempo. Puxa, não há nada como a imaginação humana, não é mesmo?

Depois da publicação bem-sucedida de *À Espera de um Milagre*, debateu-se muito sobre como, ou se, ele deveria ser lançado sob a forma de um romance completo. A publicação em série foi para mim, bem como para alguns leitores, uma coisa desagradável, porque o preço era muito alto para um livrinho: cerca de 48 reais pelas seis partes (mas bem menos se compradas em lojas de descontos). Por essa razão, um conjunto numa caixa nunca parecera a melhor solução. Este formato, uma edição comum, a um preço mais acessível, pareceu ser a solução ideal. De modo que aqui está ele, quase todo tal como foi publicado antes (na realidade, mudei o instante em que Percy Wetmore, amarrado numa camisa de força, levanta uma das mãos para enxugar o suor do rosto).

Em algum momento gostaria de fazer uma revisão completa, transformá-lo num romance que não pôde sair direito neste formato, e lançá-lo novamente. Até que chegue esse momento, vamos ter que aceitar isto aqui. Estou contente por tantos leitores terem gostado dele. Aliás, sabem, no final das contas, acabou sendo uma história muito boa para a hora de dormir.

— *Stephen King*  
**Bangor, Maine**  
**6 de fevereiro de 1997**

# Prefácio

## Uma Carta

27 de outubro de 1995

Querido Leitor Fiel,

A vida é um negócio instável. A história que começa neste pequeno livro existe neste formato devido a um comentário feito por acaso por um corretor imobiliário que não conheço. Isso aconteceu há um ano, em Long Island. Ralph Vicinanza é um velho amigo meu e também parceiro de negócios (o que ele faz é vender os direitos de publicação de livros e contos no exterior). Ele tinha acabado de alugar uma casa por lá. O corretor comentou que a casa “parecia algo saído de um conto de Charles Dickens”.

Ralph ainda estava com esse comentário na cabeça quando recebeu seu primeiro hóspede, o editor britânico Malcolm Edwards. Repetiu o que ouvira para Edwards, e começaram a conversar sobre Dickens. Edwards mencionou o fato de que Dickens tinha publicado muitos de seus romances em capítulos, tanto dobrados dentro de revistas como soltos, sob a forma de folheto (não sei exatamente a origem desta palavra, usada no sentido de livro pequeno, mas sempre adorei seu jeito de intimidade e simpatia). Edwards acrescentou que alguns dos romances foram, na realidade, escritos e revistos na iminência da

publicação. Aparentemente, Charles Dickens era um romancista que não temia prazos.

Os romances seriados de Dickens tiveram enorme popularidade. Na verdade, foram tão populares que um deles precipitou uma tragédia em Baltimore. Um grupo grande de fãs de Dickens se amontoou num cais, na expectativa da chegada de um navio inglês que trazia exemplares do último capítulo de *Loja de Antiguidades*. Vários dos leitores foram empurrados, caíram n'água e se afogaram.

Não creio que nem Malcolm nem Ralph desejasse que alguém se afogasse, mas ficaram curiosos sobre o que aconteceria caso se experimentasse hoje em dia fazer uma publicação como um seriado. Nenhum dos dois tinha conhecimento de que isso já foi feito em pelo menos duas ocasiões (realmente, não há nada de novo sob o sol). Tom Wolfe publicou a primeira versão de seu romance *A Fogueira das Vaidades* como seriado na revista *Rolling Stone*, e Michael McDowell (*The Amulet*, *Gilded Needles*, *The Elementals* e a peça de teatro *Beetlejuice*) publicou uma obra chamada *Blackwater* sob a forma de capítulos, em brochuras. Essa obra, uma história de terror sobre uma família do Sul dos Estados Unidos, cujos membros tinham a desagradável característica familiar de se transformarem em crocodilos, não foi a melhor de McDowell, mas, mesmo assim, proporcionou bom êxito para a Avon Books.

Os dois homens especularam ainda sobre o que poderia acontecer se um autor de ficção popular fosse tentar atualmente publicar um romance no formato de pequenos livros, ou seja, pequenas brochuras que poderiam ser vendidas por uma ou duas libras na Grã-Bretanha, ou talvez três dólares nos Estados Unidos (onde a maioria dos livros de bolso custa de 6,99 a 7,99 dólares). Malcolm disse que alguém como Stephen King poderia fazer uma tentativa interessante com algo assim, e daí a conversa passou para outros tópicos.

Ralph como que se esqueceu da ideia, mas ela lhe voltou no outono de 1995, logo após seu regresso da Feira do Livro de Frankfurt, uma espécie de espetáculo internacional do ramo, no qual cada dia representa um desenlace para agentes estrangeiros como Ralph. Ele expôs a ideia de seriado/livreto,

junto com diversos outros assuntos, a maioria dos quais mereceu recusas automáticas.

Entretanto, a ideia do livreto não teve uma recusa automática. Ao contrário da entrevista para a *Playboy* japonesa ou da excursão às Repúblicas Bálticas com todas as despesas pagas, ela fez surgir uma centelha luminosa na minha imaginação. Não me considero uma versão moderna de Dickens (se uma pessoa assim existe, provavelmente é John Irving ou Salman Rushdie) mas sempre adorei histórias narradas em episódios. É um formato com que primeiro me deparei no *The Saturday Evening Post*, e gostei dele porque o final de cada episódio fazia do leitor um participante quase em pé de igualdade com o escritor: dispunha-se de uma semana inteira para tentar deduzir como seria a próxima contorção da cobra. Além disso, parece-me que essas histórias são lidas e vivenciadas com maior *intensidade*, porque vêm em porções. Você não as poderia engolir de uma só vez, mesmo que quisesse (e se a história fosse boa, você teria vontade de devorá-la toda de uma vez).

Porém, o melhor de tudo é que, na minha casa, frequentemente líamos histórias assim em voz alta: meu irmão David numa noite, eu mesmo na seguinte, depois vinha a vez da minha mãe na terceira, e depois de volta para meu irmão. Era uma oportunidade incomum de desfrutar de um trabalho escrito da mesma maneira como gostávamos de ir ao cinema ou assistir a programas de TV (*Rawhide*, *Bonanza*, *Rota 66*) juntos: eram atividades de família. Só muitos anos depois é que vim a descobrir que as famílias daquela época tinham desfrutado dos romances de Dickens de maneira muito semelhante, com a única diferença de que os momentos de ansiedade, junto da lareira, sobre o destino de Pip, Oliver e David Copperfield se estendiam ao longo de *anos*, em vez de por um par de meses (até os seriados mais longos do *Post* raramente se estendiam por mais de oito episódios).

Havia uma outra coisa de que eu gostava nessa ideia, uma atração que, desconfio, só pode ser sentida inteiramente por autores de contos de suspense e histórias de assombração: numa história que é publicada em capítulos, o autor ganha sobre o leitor uma ascendência que só assim pode atingir. Dito de forma simples, Leitor Fiel, você não pode saltar umas páginas para a frente e ver como as coisas vão acabar.

Ainda me lembro da vez em que entrei na sala, quando tinha uns 12 anos, e vi minha mãe, sentada na sua cadeira de balanço preferida, dando uma olhadela no fim de um livro de Agatha Christie enquanto com um dedo marcava o ponto em que de fato estava, lá pela página cinquenta. Fiquei estupefato e lhe disse isso (lembre-se de que eu tinha 12 anos, idade em que os meninos começam pela primeira vez a perceber que sabem tudo), insinuando que ler o fim de um livro de mistério antes de efetivamente chegar lá estava no mesmo pé que comer a substância branca do meio de biscoitos recheados e depois jogar fora os biscoitos propriamente ditos. Ela deu sua maravilhosa gargalhada descontraída e disse que talvez isso fosse verdade, mas às vezes ela simplesmente não conseguia resistir à tentação. Ceder à tentação era um conceito que eu podia compreender, pois isso acontecia muito comigo, mesmo aos 12 anos. Porém, aqui está, por fim, uma cura divertida para essa tentação. Até que o último episódio chegue às livrarias, ninguém vai saber como *À Espera de um Milagre* termina... E isso pode incluir a mim próprio.

Embora Ralph Vicinanza não tivesse a menor possibilidade de sabê-lo, mencionara a ideia de um livro em episódios no que foi, para mim, o momento psicológico perfeito. Eu andara cogitando uma ideia para uma história sobre um tema ao qual, sempre desconfiei, acabaria chegando mais cedo ou mais tarde: a cadeira elétrica. A “Velha Fagulha” me fascinou desde o meu primeiro filme de James Cagney, e os primeiros contos do Corredor da Morte que li (em um livro chamado *Twenty Thousand Years in Sing Sing*, escrito pelo guarda penitenciário Lewis E. Lawes) incendiaram o lado mais sombrio da minha imaginação. Como seria caminhar aqueles últimos 35 metros até a cadeira elétrica, sabendo que iria morrer ali? Como seria ser o homem que teria que afivelar o condenado na cadeira, ou ligar a chave de força? O que um trabalho como esse faria com alguém? Ou, mais horripilante ainda, o que poderia lhe acrescentar?

Tinha experimentado essas ideias básicas, sempre como uma tentativa, numa quantidade de estruturas diferentes nos últimos vinte ou trinta anos. Escrevi uma história bem-sucedida que se passava em uma prisão (*Rita Hayworth e a Redenção de Shawshank*), e meio que tinha chegado à

conclusão de que provavelmente essa teria sido a última para mim, quando me veio essa ideia. Ela tinha uma porção de coisas de que eu gostava, mas acima de tudo o tom decente do narrador: discreto, honesto, talvez um pouco espantado, ele é a própria síntese de um narrador no estilo Stephen King, se é que isso existe. Então me pus a trabalhar, mas de um jeito hesitante, começando e parando o tempo todo. A maior parte do segundo capítulo foi escrita enquanto eu esperava o trem em Fenway Park, atrasado devido à chuva!

Quando Ralph telefonou, eu já tinha enchido um caderno com páginas manuscritas de *À Espera de um Milagre* e me dei conta de que estava construindo uma história quando devia estar empregando meu tempo em limpar minha escrivaninha para as revisões de um livro já escrito (*Desespero*, que você verá em breve, Leitor Fiel). Na altura a que havia chegado com *À Espera*, geralmente há apenas duas opções: pôr de lado (provavelmente para nunca mais pegar de novo) ou largar tudo o mais e mandar brasa.

Ralph sugeriu uma possível terceira opção, uma história que podia ser escrita do mesmo modo em que deveria ser lida: por episódios. E gostei também do risco: se eu falhasse ou não fosse até o fim, subitamente cerca de um milhão de leitores estariam bradando pelo meu sangue. Ninguém sabe disso melhor do que eu, afora minha secretária, Juliann Eugley. Nós recebemos dúzias de cartas toda semana, exigindo o próximo livro do ciclo da *Torre Negra* (tenham paciência, seguidores de Roland: em cerca de um ano sua espera chegará ao fim, eu prometo). Uma delas continha um retrato Polaroid de um ursinho de pelúcia amarrado com correntes, com um bilhete feito de letras recortadas de manchetes de jornal e capas de revista que dizia: **PUBLIQUE O PRÓXIMO LIVRO DA TORRE NEGRA IMEDIATAMENTE OU O URSO MORRE**. Afixei-o no meu escritório, tanto para me recordar da minha responsabilidade quanto de como é maravilhoso ter pessoas que de fato se importam, ao menos um pouco, com as criaturas de nossa própria imaginação.

De qualquer modo, resolvi publicar *À Espera de um Milagre* num seriado de pequenos livretos, à maneira do século XIX, e espero que vocês me escrevam para dizer (a) se gostaram da história e (b) se gostaram da forma

raramente usada, mas bastante divertida do sistema de entrega. Ela indubitavelmente emprestou uma energia especial à redação da história, embora neste momento (uma noite chuvosa de outubro de 1995) ainda esteja longe do término, mesmo numa primeira versão bruta, e o desfecho continue incerto. Mas isso é parte da excitação da coisa toda. A esta altura estou dirigindo no meio de um nevoeiro espesso, com o acelerador apertado até o fundo.

Mais do que tudo quero dizer que, se você quando estiver lendo a história tiver ao menos a metade do prazer que eu tive quando a escrevi, ambos estaremos ganhando. Divirta-se. E por que você não a lê em voz alta com uma pessoa amiga? No mínimo, isso reduzirá o tempo que falta até que o próximo episódio esteja nas bancas e livrarias.

Nesse meio-tempo, cuidem-se e façam o bem uns aos outros.

***Stephen King***

## Parte Um

# As Duas Meninas Mortas

### 1

Aconteceu em 1932, quando a penitenciária estadual ainda ficava em Cold Mountain. E, é claro, a cadeira elétrica também estava lá.

Os detentos faziam piadas sobre a cadeira do mesmo modo que as pessoas fazem piadas sobre coisas que lhes dão medo, mas que não podem ser evitadas. Chamavam-na de “Velha Fagulha” ou “Carga Pesada”. Faziam piadas a respeito da conta de eletricidade e de como o diretor Moores iria cozinhar a sua ceia do Dia de Ação de Graças naquele outono, já que sua mulher, Melinda, estava doente demais para cozinhar.

Mas, para os que efetivamente teriam que se sentar naquela cadeira, logo a situação perdia a graça. Presidi as 78 execuções durante o tempo que passei em Cold Mountain (esse é um número sobre o qual nunca me confundi, e me lembrarei dele no meu leito de morte) e acho que a maioria daqueles homens finalmente se apercebia por completo do que lhes estava acontecendo quando seus tornozelos estavam sendo afivelados ao carvalho sólido das pernas da Velha Fagulha. Vinha-lhes então a percepção (podia-se vê-la enchendo seus olhos, uma espécie de pavor frio) de que suas pernas

tinham encerrado suas carreiras. O sangue ainda fluía nelas, os músculos ainda estavam fortes, mas mesmo assim elas estavam liquidadas: nunca mais iriam caminhar um quilômetro sequer nem dançar com uma moça em uma festa. Os clientes da Velha Fagulha percebiam sua morte a partir dos tornozelos. Havia um saco de seda negra que era colocado nas suas cabeças depois de balbuciarem suas últimas palavras incoerentes. O saco supostamente era para o bem deles, porém eu sempre achei que, na verdade, era para o nosso bem, para impedir-nos de ver a horrível onda de horror nos olhos deles quando se davam conta de que iam morrer com humilhação.

Em Cold Mountain não havia um corredor da morte, apenas o Bloco E, isolado dos outros quatro e com aproximadamente um quarto das dimensões deles, de tijolos em vez de madeira, com um telhado horroroso de metal que no verão resplandecia como um olho em delírio. Havia seis celas lá dentro, três de cada lado de um largo corredor central, cada uma quase o dobro das celas dos outros quatro blocos. Cada uma abrigava apenas um ocupante. Ótimas acomodações para uma prisão (principalmente nos anos 1930), mas os detentos as trocariam por celas em quaisquer dos outros quatro blocos. Pode acreditar, eles teriam trocado.

Durante os meus anos como superintendente de bloco, nunca todas as seis celas ficaram ocupadas ao mesmo tempo — é preciso agradecer a Deus pelas pequenas bençãos. O máximo foram quatro, brancos e negros misturados (em Cold Mountain não havia segregação alguma entre os mortos-vivos) e isso era uma pequena amostra do inferno. Um deles era uma mulher, Beverly McCall. Era negra como um ás de espadas e linda como o pecado que nunca tivemos coragem de cometer. Tinha seu marido a espancado por seis anos, mas não aturaria um único dia de traição. Na noite em que descobriu que ele a estava traindo, ficou esperando, no topo da escada que conduzia ao apartamento em cima da barbearia, pelo infeliz do Lester McCall, conhecido por seus amigos (e, presumivelmente, pela amante de curtíssima duração) como Cortador. Esperou até que ele estivesse a meio caminho de tirar o sobretudo e então despejou-lhe as entranhas traidoras por cima dos sapatos bicolores. Usou uma das navalhas do próprio Cortador. Duas noites antes da data em que devia se sentar na Velha Fagulha, chamou-

me à sua cela e disse que tinha recebido num sonho a visita do seu pai de santo. Ele lhe tinha dito que devia abandonar seu nome de escrava e morrer com seu nome de pessoa livre, Matuomi. Esse era o seu pedido, que sua ordem de execução fosse lida com o nome de Beverly Matuomi. Imagino que seu pai de santo não lhe havia dado nenhum prenome ou, ao menos um que ela pudesse entender. Eu disse que estava bem, certo, sem problema. Aqueles anos como chefe dos guardas me tinham ensinado a nunca recusar nada a um condenado a menos que não tivesse outro jeito. No caso de Beverly Matuomi, não fazia a menor diferença. O governador telefonou no dia seguinte, por volta das três da tarde, mudando a sentença dela para prisão perpétua na Colônia Penal para Mulheres de Grassy Valley — só penal e nada de pênis, costumávamos dizer naquela época. Confesso que fiquei contente ao ver a bunda redonda de Bev indo para a esquerda ao invés de para a direita quando ela chegou diante da mesa da guarda.

Uns 35 anos depois — tinha que ser pelo menos 35 — vi aquele nome na página de avisos fúnebres do jornal, abaixo do retrato de uma senhora negra de rosto magro, com uma nuvem de cabelos brancos e óculos com cristais na armação. Era Beverly. Passara os últimos dez anos de sua vida como uma mulher livre, dizia o obituário, e tinha salvado a biblioteca da cidadezinha de Raines Falls praticamente sozinha. Também lecionara na escola dominical e tinha sido muito querida naquele pequeno fim de mundo. A manchete dizia BIBLIOTECÁRIA MORRE DE ATAQUE CARDÍACO, e abaixo, em tipo menor, quase como uma lembrança tardia: *Passou Mais de Duas Décadas na Prisão por Homicídio*. Somente os olhos, grandes e radiantes por trás dos óculos com cristais na armação, eram iguais. Eram os olhos de uma mulher que, mesmo com setenta e tantos anos, não hesitaria em sacar uma navalha caso o impulso parecesse premente. Sabe como são os assassinos, mesmo que acabem como velhas bibliotecárias em cidadezinhas sonolentas. Pelo menos saberia se tivesse passado tanto tempo como eu tomando conta de assassinos. Só houve uma ocasião em que tive dúvida. É por isso, acho eu, que decidi escrever.

O corredor largo no centro do Bloco E tinha o piso coberto com linóleo da cor de limões velhos, de modo que o que nas outras prisões era chamado

de Último Quilômetro, em Cold Mountain era às vezes chamado de Corredor Verde. Calculo que media umas sessenta passadas grandes de sul a norte, do começo ao fim. No fim ficava a solitária. No começo havia uma bifurcação. Virar para a esquerda significava a vida, se você chamasse de vida o que transcorria no pátio de exercícios escaldante. E muitos assim chamavam. Muitos levavam essa vida durante anos, sem quaisquer efeitos adversos aparentes. Ladrões, piromaníacos e criminosos sexuais, todos batendo papo, fazendo caminhadas e negociando.

Entretanto, era só virar para a direita e as coisas ficavam diferentes. Primeiro você entrava na minha sala (onde o tapete também era verde, algo que eu estava sempre querendo trocar, mas nunca chegava a fazer) e passava em frente à minha mesa, que era ladeada à esquerda pela bandeira dos Estados Unidos e à direita pela bandeira estadual. No lado oposto havia duas portas. Uma dava para um pequeno banheiro usado por mim e pelos guardas do Bloco E (e às vezes até pelo diretor Moores). A outra se abria para uma espécie de depósito. Aquele era o fim para quem percorria o Corredor Verde.

Era uma porta pequena. Quando eu passava por ela, tinha de abaixar a cabeça, e John Coffey teve de se sentar e se arrastar. Logo adiante havia um patamar pequeno, e depois três degraus de cimento até uma salinha com piso de madeira. Era uma sala deprimente, sem aquecimento e com um teto de metal, igual ao do bloco ao qual estava anexado. Durante o inverno, o frio ali era tão intenso que víamos o hálito das pessoas, e no verão, o calor era sufocante. Na execução de Elmer Manfred, acho que foi em julho ou agosto de 1930, nove testemunhas desmaiaram.

Do lado esquerdo do depósito havia vida. Ferramentas (dentro de armários trancados com correntes, como se fossem carabinas em vez de pás e picaretas), pedaços de tecido, sacas de sementes para o plantio de primavera nas hortas da prisão, caixas de papel higiênico, engradados com chapas lisas para a fábrica de placas de automóvel da prisão... Até mesmo sacos de cal para a marcação do losango de beisebol e do campo de futebol americano (os presos jogavam no que era conhecido como o Pasto, e as tardes de outono eram aguardadas com ansiedade em Cold Mountain).

Do lado direito havia morte: a própria Velha Fagulha, assentada numa

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "À espera de um milagre"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).